

Os Puritanos e o Dia do Senhor - J.I. Packer



Se tivermos de aproveitar dos escritos dos Puritanos sobre esse ou sobre qualquer outro assunto, nossa abordagem de estudo precisa ser correta. É muito fácil que os admiradores dos Puritanos estudem suas obras de um modo que os Puritanos seriam os primeiros a condenar. Assim, podemos ter uma atitude errada para com os homens; podemos reverenciá-los como se fossem autoridades infalíveis; mas eles nos açoitariam por tão grosseiro lapso, o qual considerariam como papismo ou idolatria. Eles nos lembrariam que não passavam de servos e expositores da Palavra de Deus, e também nos incumbiriam de jamais considerar seus escritos como se fossem mais que ajudas e guias para entendermos a Palavra. Nos assegurariam que, visto que todos os homens, incluindo os Puritanos, podem errar, sempre devemos testar o ensino deles com o máximo rigor, por meio da própria Palavra que eles buscavam expor. Ou, novamente, podemos fazer uma aplicação errônea de seus ensinamentos. Podemos imitar a linguagem deles e copiar suas maneiras, imaginando que, desse modo, nos estamos pondo dentro da verdadeira tradição Puritana. Mas os Puritanos procurariam impressionar-nos quanto ao fato que, se assim agíssemos, estaríamos falhando precisamente nisso. Eles procuravam aplicar as eternas verdades da Bíblia às circunstâncias particulares de sua própria época — morais, sociais, políticas, eclesiásticas e assim por diante.

Se quisermos nos manter na verdadeira tradição Puritana, então teremos de cuidar em aplicar essas mesmas verdades às diferentes circunstâncias de nossos próprios dias. A natureza humana não se modifica, mas os tempos, sim; portanto, embora a aplicação da verdade divina à vida humana sempre seja a mesma em princípio, os seus detalhes variam de uma época para outra. Contentar-nos em imitar os Puritanos significaria um retrocesso mental do século XX, onde Deus nos colocou, até ao século XVII, onde não estamos. Isso tanto é falta de espiritualidade quanto não é realista. O Espírito Santo, acima de tudo, é realista, e Ele foi dado para ensinar os crentes como devem viver para Deus, na situação em que se encontram, e não em alguma outra situação onde outros santos viveram. Abafamos o Espírito quando nos permitimos viver no passado. Tal atitude mental é teologicamente culpável, pois mostra que teremos evitado um estágio essencial em nossa maneira de pensar sobre a verdade de Deus — o estágio que consiste em aplicá-la a nós mesmos. A aplicação jamais deve ser feita em segunda mão, como um produto já acabado; antes, cada homem, de cada geração, deve pôr em ação a sua consciência a fim de discernir, por si mesmo, como a verdade se aplica e o que ela requer, na situação particular onde ele se acha. A aplicação pode ser similar quanto aos detalhes, de uma geração para outra, mas não devemos pensar de antemão que assim será. Portanto, nosso alvo, ao estudar os Puritanos, deve ser aprender, observando como aplicaram a Palavra a si mesmos, em sua época, para que saibamos como aplicá-la a nós mesmos, em nossa época.

Esse ponto é crucial para nós, que cremos que o evangelicalismo moderno precisa ser corrigido e enriquecido mediante a mais antiga tradição evangélica. Parece que o evangelicalismo moderno é culpado precisamente desse erro de viver no passado — nesse caso,

no passado recente, os fins do século XIX. Por muitas vezes, contentamo-nos hoje em tentar viver bem por rerepresentarmos a rala sopa de doutrinas e as ideias algumas vezes duvidosas acerca de sua aplicação ética, eclesiástica e evangelística, que caracterizaram aquele período decadente da história evangélica. Mas a resposta a essa situação é, enfaticamente, que não devemos retroceder ainda mais, procurando agora viver não mais no século XIX, mas no século XVII. De vários modos, esse tipo de cura é pior do que a enfermidade. Por certo devemos recuar até antes do século XIX, reabrindo as minas mais ricas do ensino evangélico mais antigo; mas também devemos nos esforçar por avançar para além da mentalidade do século XIX, chegando a uma genuína apreciação de nossa situação no século XX, a fim de que possamos fazer uma aplicação genuinamente contemporânea do evangelho eterno.

Esse princípio é tão relevante, quando estudamos o assunto do dia do Senhor, como quando estudamos qualquer outro assunto. Pois aqui, não há dúvida, temos um assunto sobre o qual estamos muito defasados quanto a uma aplicação contemporânea dos princípios bíblicos. Nossas ideias e nossa linguagem a respeito, com frequência, deixam transparecer um certo grau de legalismo negativo de nossa parte. Se impusermos a nós mesmos a aplicação rígida do quarto mandamento, que os Puritanos elaboraram em termos de sua própria época, então meramente estaríamos perpetuando e aumentando aquele legalismo. Não obstante, se resistirmos à tentação de adotar essa aplicação pronta e nos atirmos à tarefa de reaplicar, de modo realista, a lei de Deus às nossas atuais condições, então descobriremos na exposição dos Puritanos uma apresentação incomparavelmente rica e sugestiva dos princípios positivos que nos devem guiar em nosso julgamento sobre essa questão.

Antes de tudo, porém, precisamos preencher o pano de fundo histórico de nosso estudo.[1]

Os Puritanos criaram o domingo cristão inglês — ou seja, o conceito e a observância do primeiro dia da semana como dia de trégua tanto nos negócios como nas recreações organizadas, para que o tempo todo fosse deixado livre para a adoração, o companheirismo e as "boas obras". Esse ideal nunca foi aceito de modo geral pelos protestantes do continente europeu, conforme Baxter observou: "A Inglaterra tem sido uma felizarda quanto a esse aspecto da reforma".[2] A história dessa realização Puritana prolonga-se por um século. Nos fins do século XVI, era costume dos ingleses, depois de terminado o culto na igreja, passar o resto do domingo "frequentando peças teatrais obscenas... jogos, bebidas alcoólicas, festas e comemorações; ou então fumando cachimbo, dançando, jogando dados, jogando baralho, boliche, tênis, açulando cães contra ursos acorrentados, brigas de galo, falcoaria, caçadas, e coisas semelhantes; ou então frequentando feiras e mercados... ou indo a partidas de futebol e outros passatempos diabólicos".[3] Os crentes sérios (os "Puritanos", no sentido popular) ficaram cada vez mais preocupados com isso. O ponto de vista "Puritano" sobre o assunto, que Dennison mostrou já ter sido firmado, em essência, pelos bispos Hooper[4] e Latimer[5] pelo deão Edmund Bunny[6] e Gervase Babington,[7] recebeu sua primeira declaração formal, impressa, no livro do Dr. Nicholas Bound, *True Doctrine of the Sabbath (A Verdadeira Doutrina a Respeito do Dia do Senhor - 1595)* — embora a primeira exposição sobre a mesma doutrina a ser escrita pareça ter sido a obra de Richard Greenham, *Treatise of the Sabbath (Tratado a Respeito do Dia do Senhor)*, que circulou privativamente por alguns anos.

A Declaração de Esportes, do rei Tiago I (1618), estabeleceu que, à parte dos esportes com touros e ursos e do boliche, todos os jogos populares podiam ser efetuados aos domingos, terminada a reunião na igreja. De fato, Tiago, por esse meio, "meramente reiterou o que já era lei do Estado e da igreja desde os primeiros dias da Reforma";[8] mas aquela Declaração deixou consternado o grupo crescente de clérigos e leigos Puritanos. Em 1633, Carlos I republicou-a e ordenou que os bispos determinassem que todo o clero a lesse em seus púlpitos; alguns recusaram-se a fazê-lo e como resultado perderam os seus rendimentos. Podemos ver através destas palavras de Baxter, como transcorriam as coisas no país, naquela época:

Em minha juventude... um dos inquilinos de meu pai era o flautista da cidade, e o lugar das danças ficava a menos de cem metros de nossa porta; assim, no dia do Senhor, não podíamos ler um capítulo da Bíblia, ou orar, ou entoar um hino, ou catequizar, ou instruir um servo, senão com o barulho da flauta, do tamborim e dos gritos que, da rua, chegavam continuamente aos nossos ouvidos; e... éramos alvos das zombarias de todos, sendo apelidados de puritanos,

rigoristas ou hipócritas, porque preferíamos ler as Escrituras do que fazer o que eles faziam... E quando o povo, de acordo com o livro [isto é, a Declaração de 1633], recebeu permissão de folgar e dançar, exceto no horário do culto público, eles tinham tanta dificuldade em interromper suas diversões que, por muitas vezes, o leitor preferia esperar até que a flauta e os folgazões cessassem. Algumas vezes, os dançarinos folclóricos entravam nos templos, com todas as suas roupas, cachecóis e vestimentas extravagantes, com folclóricas sinetas sonindo, penduradas em suas pernas, e, assim que terminava a leitura da oração, eles se precipitavam de novo para as suas danças. Seria isso uma conduta celestial?[9]

Mas o ensino dos Puritanos teve os seus efeitos. Como resultado da atuação de Baxter em Kidderminster, aquela que antes havia sido uma comunidade de pessoas briguentas, viciadas no álcool e irreligiosas, foi de tal modo transformada que "no dia do Senhor não se via qualquer desordem em nossas ruas; pelo contrário, podia-se ouvir uma centena de famílias entoando salmos ou repetindo sermões, quando passávamos pelas ruas".[10]

Reforma similar ocorreu em muitos lugares onde ministravam pastores Puritanos. O Parlamento e seus sucessores, impulsionados por convicções Puritanas, decretaram uma série de determinações proibindo jogos, negócios e viagens aos domingos. Finalmente, em 1677, quando os Puritanos já tinham perdido a autoridade, um Parlamento violentamente anti-puritano assinou o Ato de Observância do Domingo, o qual reiterava e confirmava a legislação republicana (1649) sobre a questão. Esse ato prescrevia que ninguém deveria passar o domingo negociando, viajando, "trabalhando secularmente, em negócios ou ocupando-se em suas profissões", mas "exercitando-se... nos deveres da piedade e da verdadeira religião, pública e particular". A significação dessa legislação é clara. A Inglaterra tinha chegado a aceitar, de modo generalizado, o ideal Puritano acerca do domingo. Monarquistas e republicanos, conformistas e não-conformistas igualmente concordavam nisso. O ensino dos mestres Puritanos havia criado uma consciência nacional sobre o assunto; e isso apesar do fato que os teólogos da época dos reis Carlos I e Carlos II haviam feito oposição constante ao ponto de vista dos Puritanos, como algo teologicamente incorreto.

Contra esse pano de fundo da história, voltamo-nos agora para o ensino propriamente dito dos Puritanos.

1 - Significado do Quarto Mandamento (Êx 20.8-11). Neste ponto, os Puritanos foram à frente dos reformadores. Estes últimos tinham seguido Agostinho e, em geral, o ensino medieval, negando que o domingo fosse, em qualquer sentido, um dia de descanso. Eles afiançavam que o sábado, prescrito pelo quarto mandamento, era um mandamento tipicamente judaico, prefigurando o "descanso" proveniente do relacionamento com Cristo, pela graça e pela fé. Eis a explicação dada por Calvino:

é extremamente apta a analogia entre o sinal externo e a realidade simbolizada, visto que a nossa santificação consiste na mortificação de nossa própria vontade... Devemos desistir de todos os atos de nossa própria mente a fim de que, operando Deus em nós, possamos descansar nEle, conforme ensina o apóstolo (Hb 3.13; 4.3,9).[11]

Mas, agora que Cristo já veio, o tipo foi cancelado, e seria um erro perpetuá-lo, tal como seria um equívoco continuar a oferecer os sacrifícios levíticos. Calvino apelava aqui para Colossenses 2.16, que ele interpretava como alusão ao dia semanal de descanso. Ele admitia que, além e acima de sua significação típica, o quarto mandamento também ensina o princípio de que deve haver adoração pública e particular, além de servir de dia de descanso para os servos e empregados, pelo que a plena interpretação cristã seria tríplice:

Primeiro, por toda a nossa vida podemos ter por alvo um constante descanso de nossas próprias obras, a fim de que o Senhor possa operar em nós por meio do seu santo Espírito; segundo, cada pessoa deveria exercitar-se, com diligência, em devota meditação nas obras de Deus, e... todos devem observar a ordem legal determinada pela igreja para que se ouça a Palavra, para que se administre as ordenanças e a oração pública; terceiro, devemos evitar oprimir àqueles que nos estiverem sujeitos.[12]

Calvino falava como se isso fosse tudo quanto aquele mandamento prescrevesse, nada encontrando no mesmo, em seu sentido cristão, que proibisse trabalho ou diversão no domingo, após o tempo passado na igreja. A maior parte dos reformadores falava no mesmo tom. O que há de notável é que suas declarações, em outros contextos, mostram que "os reformadores, como um grupo, defendiam a autoridade divina e a obrigação de observar o quarto mandamento, requerendo que um dia em cada sete fosse empregado na adoração e serviço de Deus, admitindo somente as obras de necessidade e de misericórdia, em favor dos pobres e aflitos".[13] É um quebra-cabeça, porém, porque eles nunca perceberam a incoerência entre afirmar isso em termos gerais, e ainda assim apresentar a exegese de Agostinho sobre o domingo cristão. Podemos apenas supor que isso se deve ao fato que não queriam entreter a ideia que Agostinho poderia estar enganado, razão que os cegava para o fato que estavam montando dois cavalos ao mesmo tempo.

Eles, contudo, corrigiram essa incoerência. De forma virtualmente unânime, insistiram que, embora os reformadores estivessem certos ao verem apenas um sentido típico e temporário em algumas das detalhadas prescrições do sábado judaico, havia o princípio de um dia de descanso, para efeito de adoração a Deus, pública e particular, após cada seis dias de trabalho, como uma lei da criação, estabelecida em benefício do homem, e, portanto, obrigatória para o homem enquanto ele viver neste mundo. Também destacavam que, figurando entre nove leis indubitavelmente morais e permanentes do decálogo, o quarto mandamento dificilmente teria uma natureza apenas típica e temporária.

De fato, eles viam esse mandamento como parte integral da primeira tábua da lei, que aborda sistematicamente a questão da adoração: "O primeiro mandamento fixa o objeto; o segundo, o meio; o terceiro, a maneira; e o quarto, o tempo" .[14] Também observaram que o quarto mandamento começa com as palavras "Lembra-te...", e isso nos faz olhar para trás, para antes da instituição mosaica. Observavam que o trecho de Gênesis 2.1 e seguintes representa o sétimo dia de descanso como o próprio descanso de Deus após a criação, e que a sanção atrelada ao quarto mandamento, em Êxodo 20.8 ss., olha de volta para aquele fato, retratando o dia como um memorial semanal da criação, "para ser observado para a glória do Criador, como o dever que temos de servi-Lo e como um encorajamento para confiarmos nAquele que criou os céus e a terra. Por meio da santificação do sábado, os judeus declaravam que eles adoravam ao Deus que criou a terra..." Assim falou Matthew Henry, aquele que posteriormente representou todos os Puritanos, ao comentar sobre Êxodo 20.11. Henry também frisou que o mandamento afirma que Deus santificou o sétimo dia (ou seja, apropriou-o para Si mesmo) e o abençoou (isto é, derramou bênçãos sobre ele, encorajando- nos a esperar bênçãos, ao guardarmos de forma religiosa aquele dia"); e que Cristo, embora tivesse reinterpretado a lei sobre o sábado, não a cancelou, mas antes, firmou-a, observando-a Ele mesmo e mostrando que esperava que os seus discípulos continuassem a observá-la (cf. Mt 24.20).

Tudo isso, argumentavam os Puritanos, mostrava que o descanso do sétimo dia era mais que um mandamento judaico; era um memorial da criação, parte da lei moral (a primeira tábua, que prescreve a adoração apropriada ao Criador), e, como tal, era perpetuamente obrigatória para todos os homens. Assim, quando o Novo Testamento nos diz que os cristãos se reuniam para adorar no primeiro dia da semana (At 20.7; 1 Co 16.2), guardando aquele dia como "o dia do Senhor" (Ap 1.10), isso só pode significar uma coisa: por preceito apostólico, e, provavelmente, por injunção dominical durante os quarenta dias antes da ascensão, esse tornara-se o dia em que os homens, doravante, deveriam guardar o dia de descanso prescrito pelo quarto mandamento. Os Puritanos notaram que essa mudança, do sétimo dia da semana (o dia que assinalara o fim da antiga criação) para o primeiro (o dia da ressurreição de Cristo, que assinalara o início da nova criação), não era excluída pelas palavras do quarto mandamento, que "meramente determina que devemos descansar e guardar, como descanso, cada sétimo dia ...mas ...de modo algum determina onde deve começar a sequência de dias... Não há, no quarto mandamento, qualquer orientação sobre como computar o tempo..." [15]Portanto, coisa alguma impede-nos de supor que o Novo Testamento parece requerer que foram os apóstolos que fizeram a alteração. Nesse caso, torna-se claro que a condenação (em Cl 2.16) do sabatismo judaico nada tem a ver com a observância do dia do Senhor. Essas, em esboço, foram as considerações feitas pelos Puritanos, com base na doutrina do dia do Senhor, a qual é bem sintetizada na Confissão de Westminster (XXI:vii-viii).

2 - O caráter do quarto mandamento. Comentando sobre Marcos 2.27, escreveu Matthew Henry:

o dia de descanso é uma sagrada e divina instituição; mas devemos recebê-lo e adotá-lo como um privilégio e um benefício, não como uma tarefa ou uma carga enfadonha. Primeiro, Deus nunca planejou que o dia de descanso fosse uma imposição para nós, por isso não devemos transformá-lo em uma imposição... Segundo, Deus planejou-o para que fosse uma vantagem para nós, por isso devemos recebê-lo e aprimorá-lo... Ele teve consideração pelos nossos corpos, nessa instituição, para que possamos descansar... Ele teve muito mais consideração pelas nossas almas. Ele foi instituído como o dia de descanso, somente a fim de ser um dia de atividade santa, um dia de comunhão com Deus, um dia de louvor e ação de graças; assim, o descanso, depois de atividades seculares, é uma necessidade, a fim de podermos nos dedicar ao louvor e à ação de graças, passando todo o tempo nessas atividades, pública e particularmente... Vê-se aqui quão bom é o Senhor a quem servimos, porquanto a Ele pertencem todas essas instituições que visam ao nosso benefício...

Essa citação resume com clareza a abordagem Puritana quanto ao dia do Senhor. Queremos aqui meramente sublinhar três dos pontos destacados por Matthew Henry, adicionando um quarto ponto, como resultado.

(a) Guardar o domingo significa ação, e não inércia. O dia do Senhor não é um dia de ociosidade. "A ociosidade é um pecado em qualquer dia, e muito mais no dia do Senhor".[16] Não se guarda o domingo ficando atirado em algum lugar, sem fazer nada. Convém que descansemos das atividades de nossos afazeres diários, ocupando-nos nas atividades próprias à nossa vocação celestial. Se não passarmos o dia ocupados nestas atividades, não o estaremos santificando.

(b) Guardar o domingo não é uma carga entediante, mas um jubiloso privilégio. O domingo não é um jejum, mas uma festa, um dia de regozijo nas obras do Deus gracioso, e a alegria deve ser a nossa atitude durante todo esse dia (cf. Is 58.13). "A alegria nunca é tão própria a alguém como a um santo, tornando-se o domingo tanto um feriado quanto um descanso".[17]

É dever e glória do crente regozijar-se no Senhor a cada dia, especialmente no dia do Senhor... Jejuar no dia do Senhor, dizia Inácio, é matar a Cristo; mas regozijar-se no Senhor nesse dia, e regozijar-se em todos os deveres do dia... isso é coroar a Cristo, isso é exaltar a Cristo.[18]

A alegria deve ser a tônica da adoração pública; Baxter, em particular, deplorava os cultos insípidos e monótonos. Não deveria haver tristeza no dia do Senhor. E aqueles que dizem que não podem achar alegria nos exercícios espirituais do domingo mostram que há algo gravemente errado consigo.

(c) Guardar o domingo não é um labor inútil; é um meio de graça.

Por meio dessa instituição, Deus encarregou-nos de separar esse dia para uma busca especial por sua graça e bênção. E daí podemos argumentar que Ele, de forma especial, confere a sua graça sobre aqueles que O buscam... O domingo é um tempo oportuno, um dia de salvação, um período durante o qual Deus, em especial, aprecia ser buscado, amado e encontrado...[19]

Assim manifestou-se Edwards, e Swinnock mostrou-se lírico ao elogiar a graça do domingo:

Salve tu que és altamente favorecido por Deus; tu, pote de ouro da semana; tu, dia de feira da alma; tu, romper do dia de eterno resplendor; tu, rei dos dias; o Senhor seja contigo, bendito és entre os dias... Oh! como homens e mulheres esvoaçam para cima e para baixo nos dias de semana, como a pomba faz por sobre as águas, mas não podem achar descanso para as suas almas, até chegarem a ti, que és a sua arca, até estenderes a mão e recolhê-los para dentro! Oh! como se assentam à tua sombra com grande deleite e acham teus frutos doces ao seu paladar! Oh! a mente a alçar-se, o coração a encantar-se de felicidade, a consolação da alma, que em ti eles desfrutam no bendito Salvador!"[20]

(d) Não guardar o domingo atrai o castigo, o que também sucede ao abuso contra qualquer privilégio e meio de graça dados por Deus. Declínio espiritual e perda material têm sido colhidos por pessoas e comunidades, por causa desse pecado. Os excelentes dons de Deus não podem ser desprezados sem impunidade. Thomas Fuller pensava que a Guerra Civil (e Brooks, sobre o incêndio de Londres) viera como juízo divino sobre a nação, por estar negligenciando o domingo.

O caráter evangélico e admiravelmente positivo dessa abordagem quanto ao dia do Senhor dificilmente poderá ser melhorado.

3 - Princípios práticos quanto à observância do dia do Senhor. Os Puritanos eram homens metódicos, levando em conta todos os pormenores; e achamo-los a dar uma detalhada atenção a esse aspecto de nosso assunto. Quatro princípios, em particular, precisam ser considerados aqui.

(a) Devem ser feitos preparativos para o dia do Senhor. Primeiramente, os Puritanos recomendavam, devemos perceber a importância do dia do Senhor, aprendendo a dar-lhe o devido valor. Esse é um grande dia para a igreja e para o crente: "Um dia de feira para a alma," um dia de entrar nos próprios "subúrbios do céu", com orações e louvores coletivos. Logo, nunca devemos permitir que os nossos domingos tornem-se rotineiros; com tal atitude, logo os reduziremos a uma formalidade enfadonha. Todo domingo tem por designio ser um grande dia, e deveríamos nos aproximar dele com atitude de expectativa, na plena consciência do fato. Portanto, cumpre-nos planejar nossa semana, para que possamos tirar o máximo proveito de nosso domingo. A falta de providência e o acaso eliminam nosso proveito aqui, tal como o fariam em qualquer outro empreendimento.

Aquele cuidado que vemos nos homens naturais acerca de seus corpos, devemos aprender acerca de nossas almas; eles planejam e providenciam de antemão o que haverão de comprar... e vender... assim, se quisermos fazer bons negócios em favor de nossas almas, teremos [durante toda a semana anterior] de ir preparando nossos corações... para que então não nos reste preocupação nem com o pecado e nem com os cuidados deste mundo... Compete-nos... eliminar todas as distrações e empecilhos, elevando nossos corações contra a indiferença e o enfado... se quisermos passar o dia do Senhor na obra do Senhor, de uma maneira confortável e proveitosa.[21]

Preparar o coração reveste-se da maior importância possível, pois o dia do Senhor é, acima de tudo, um "dia de trabalho do coração".[22] Desse ângulo, a batalha pelo nosso domingo é ganha ou perdida na noite anterior, no sábado, quando devemos separar algum tempo para o auto-exame, a confissão e a oração em favor do dia seguinte. A confraternização dos jovens, dirigida por Richard Baxter, costumava usar três horas, cada sábado à noite, para se prepararem para o dia do Senhor. Swinnock garantiu: "Se quiseres deixar teu coração com Deus, no sábado à noite, então poderás achá-lo com Ele, na manhã do dia do Senhor".[23] A regra final para essa preparação veio de Richard Baxter, que possuía uma mente prática por excelência: "Recolhe-te ao leito ainda cedo, para que não estejas sonolento no dia do Senhor".[24]

(b) A adoração pública deve ter o lugar central no dia do Senhor. O dia deve girar em torno da adoração pública, pela manhã, à tarde e à noite ("os cultos públicos devem ocorrer pelo menos duas vezes a cada domingo"[25]). As devoções particulares devem ocupar o segundo lugar, se tivermos de escolher entre o culto público e a devoção particular. Mas devemos levantar-nos na manhã do domingo com tempo suficiente para prepararmos o coração, a fim de louvar, orar e ouvir a pregação da Palavra de Deus, pois "se chegarmos abruptamente na casa do Senhor, depois de termos brigado ou discutido, ou assim que sairmos da cama... a Palavra será cansativa e servirá somente para endurecer ainda mais os nossos corações".[26]

Os cultos dirigidos pelos Puritanos prolongavam-se por cerca de três horas; e os Puritanos pouco simpatizavam com aqueles que se queixavam de quão longas eram as suas reuniões. O comentário de Baxter foi que aqueles que pensavam que os cultos nas igrejas são entediantes, e, contudo, podiam passar muito mais tempo em algum bar ou entretenimento, sem se enfadarem, devem ter corações maus; Baxter aproveitou a oportunidade para dizer uma oportuna palavra aos pregadores, sugerindo-lhes

uma maneira mais honesta de curar o cansaço das pessoas. Prega com vida e despertamento sério... e com um método fácil e variedade de assunto atrativo, para que as pessoas nunca se cansem de ti. Derrama abundantemente o amor e os benefícios de Deus; abre diante das pessoas os privilégios da fé, as alegrias da esperança, a fim de que nunca fiquem iradas. Quantas vezes tenho ouvido as pessoas dizerem sobre tais pregadores: Eu poderia ouvi-lo o dia inteiro e nunca me cansaria! Elas ficam perturbadas com a brevidade dos sermões, desejando que fossem mais longos...[27]

(c) A família deve funcionar como uma unidade religiosa no dia do Senhor. O *Catecismo Maior de Westminster*, em sua pergunta 118, é enfático a esse respeito: "O mandamento de guardar o dia do Senhor (domingo) é especialmente dirigido aos chefes de família e a outros superiores, porque estes são obrigados, não somente a guardá-lo por si mesmos, mas a fazer que seja observado por todos os que estão sob o seu cuidado". Um chefe de família deve dirigir as orações domésticas, levar a família à igreja, examinar e ensinar a Bíblia às crianças e aos empregados depois do culto, certificando-se que realmente absorveram o sermão ouvido. O princípio envolvido neste ponto é que o chefe da família tem a inalienável responsabilidade de cuidar das almas dos de sua casa, e que é supremamente no dia do Senhor que ele deve exercer tal responsabilidade. Os pastores Puritanos, distinguindo-se dos modernos pastores evangélicos, não planejavam atingir os homens através das mulheres e das crianças, mas faziam exatamente o contrário. Não eram eles, talvez, mais sábios, e também mais bíblicos?

(d) Devem ser evitadas as armadilhas do legalismo e do farisaísmo, no tocante ao dia do Senhor. Essas atitudes erradas são ameaçadoras nesse campo, como em todos os demais aspectos da vida espiritual. Não havia desacordos entre os Puritanos que, conforme a pergunta 60 do *Breve Catecismo de Westminster*, afirmavam:

O domingo deve ser santificado como um santo descanso o dia inteiro, incluindo atividades e recreações que são legítimas em outros dias; o crente deve passar todo o tempo nos exercícios públicos e particulares da adoração a Deus, excetuando aquilo que deve ser dedicado às obras necessárias e de misericórdia.

Contudo, existem maneiras certas e erradas de atingirmos os alvos, e o mais esperto de todos os mestres esforçou-se para advertir que tanto o legalismo (o hábito negativo que frisa o que a pessoa não deve fazer no dia do Senhor, sem dizer mais nada) quanto o farisaísmo (o hábito auto-justificador que está sempre disposto a censurar outras pessoas, por lapsos reais ou imaginários quanto a essa questão) são, ambos, violações do espírito do evangelho. Baxter, como já seria de esperar, é quem mais tem a dizer sobre essas atitudes, contrabalançando-as com um construtivo princípio evangélico de julgamento:

Primeiramente considerarei os deveres positivos de um homem no dia do Senhor — como ouve, lê, ora e passa o seu tempo, e como instrui e ajuda os seus familiares. Se busca a Deus com diligência e efetua seus deveres espirituais, então serei mal-educado ao julgá-lo por causa de alguma palavra ou ato, sobre coisas terrenas corriqueiras...[28]

Aqui, por certo, vemos a sabedoria cristã.

As citações acima falam por si mesmas, não havendo necessidade de maiores comentários. As questões sobre bem-estar espiritual, que elas suscitaram, devem ser deixadas para cada leitor considerar por si mesmo. Encerramos com um testemunho e uma admoestação.

O testemunho é aquele do juiz do Supremo Tribunal inglês, Sir Matthew Hale: "Através de uma estrita e diligente observação, tenho descoberto que a devida observância dos deveres do dia do Senhor sempre é acompanhada por uma bênção sobre o resto de meu tempo, e que a semana assim iniciada tem sido abençoada e próspera para mim; por outro lado, quando me mostro negligente acerca dos deveres desse dia, o restante da semana tem sido um fracasso e tenho sido infeliz em minhas atividades seculares. Escrevo isso não de forma leviana e impensada, mas depois de longa e sã observação e experiência."[29]

A admoestação é aquela de Thomas Brooks:

Para terminar, lembremo-nos que não há crentes, em todo o mundo, que se comparem, quanto ao poder da piedade e quanto à excelência nos terrenos da graça, da santidade e da comunhão com Deus, como aqueles que se mostram mais estritos, sérios, estudiosos e meticulosos na santificação do dia do Senhor... A verdadeira razão pela qual o poder da piedade tem caído a níveis tão baixos, tanto neste como em outros países, é que o domingo não está mais sendo observado de forma estrita e consciente... Oh! que esses simples conselhos fossem tão abençoados pelo céu que nos impulsionassem a uma santificação mais constante, séria e meticolosa do dia do Senhor...[30]

Notas:

[1] Ver especialmente W.B.Whitaker, *Sunday in Tudor and Stuart Times* (Houghton Publishing Co, Londres, 1933), e James T.Dennison, Jr., *The Market Day of the Soul: The Puritan Doctrine of the Sabbath in England, 1532-1700* (University Press of America, Lanham, 1983).

[2] Richard Baxter, *Works*, II:906 (George Virtue, Londres, 1838).

[3] Philip Stubbes, *Anatomie of Abuses in England* (1583).

[4] *Early Writings of John Hooper* (Parker Society, Cambridge, 1843), p. 342: "O domingo, que nós guardamos, não é um mandamento dos homens... mas, por intermédio de palavras claras, é ordenado que guardemos este dia como o nosso sábado, tal como nos declaram as palavras do apóstolo Paulo (1 Co 16...)".

[5] *Sermons by Hugh Latimer* (Parker Society, Cambridge, 1844), pp. 471- 473: "Este dia foi designado por Deus para que ouçamos a sua Palavra, aprendamos as leis e, conseqüentemente, o sirvamos... Deus odeia a rejeição do seu dia, tanto agora como antes (na época do Velho Testamento)... Ele quer que guardemos o seu dia, tanto agora como antes..."

[6] Edmund Bunny, *The Whole Summe of Christian Religion* (1576), p. 47: "O quarto mandamento requer que o crente gaste todo o seu dia de descanso ou nos exercícios públicos, ou nos exercícios ordinários, na leitura de sermões, ou na meditação particular".

[7] Gervase Babington, *A Very Fruitfull Exposition of the Commandments* (1583): "Uma das principais asseverações a respeito daquilo que a história conhece como a doutrina Puritana do dia de descanso... O mandamento do sábado está perpetuamente ligado a todos os homens. Santificar o dia de descanso: 1) descansar de todos os labores; 2) reunir-se para a adoração; 3) descansar do pecado..." (Dennison, op cit, p. 29).

[8] Whitaker, op cit, p. 95.

[9] Baxter, *Works*, III:904, citado de *The Divine Appointment of the Lord's Day, Proved* (1671).

[10] *Reliquiae Baxterianae*, editado por M.Sylvester (Londres, 1696), primeira paginação, p. 84.

[11] John Calvin, *Institutes of the Christian Religion*, II:viii:29.

[12] *ibid*, II:viii:34.

[13] Patrick Fairbairn, *The Typology of Scripture* (Smith and English, Filadélfia, 1854), II:142; ver Apêndice A, pp. 514, 515, quanto à evidência.

[14] Jonathan Edwards, sermão II, a respeito da "Perpetuidade e Mudança do Sábado", uma primorosa afirmação do ponto de vista Puritano; em *Works*, editado por Henry Hickman (Banner of Truth, Edimburgo, 1974), II:95. A posição definitiva encontra-se na *Westminster Confession XXI:vii*: "Visto ser lei da natureza que, em geral, uma devida proporção do tempo seja separada para a adoração a Deus; assim, em sua Palavra, por meio de um mandamento positivo, moral e perpétuo, que obriga todos os homens, em todas as épocas, Ele designou particularmente um dia em sete a fim de ser um dia de descanso, para ser santificado a Ele. Este dia, desde a criação do mundo até a ressurreição de Cristo, foi o último dia da semana; e, desde a ressurreição de Cristo, foi mudado para o primeiro dia da semana, que, nas Escrituras, é chamado o dia do Senhor e continuará, até o fim do mundo, como o sábado cristão".

[15] *ibid*, II:96.

[16] John Dod e Robert Cleaver, *A Plaine and Familiar Exposition of the Ten Commandments*(Londres, 1628), p. 143.

[17] "George Swinnoock, *Works* (James Nichol, Edimburgo, 1868), 1:239.

[18] Thomas Brooks, *Works*, VI:299 (James Nichol, Edimburgo, 1867).

[19] Edwards, *Works*, II:102.

[20] Swinnoock, *Works*, I.

[21] Dod e Cleaver, *op cit*, pp. 138, 139.

[22] Baxter, *Works*, I:470.

[23] Swinnoock, *Works*, I:230.

- [24] Baxter, *Works*, I:472.
- [25] Richard Greenham, *Works* (edição de 1611), p. 208.
- [26] Dod e Cleaver, *op cit*, p. 145.
- [27] Baxter, *Works*, III:905.
- [28] *ibid*, III:908.
- [29] *Works of Sir Matthew Hale*, editado por T.Thirlwell (1805), I:196.
- [30] Brooks, *Works*, VI:305, 306.

Fonte: Capítulo 14 do livro "Entre os Gigantes de Deus", Editora Fiel